

III
PARTE

O IMPÉRIO DE GAZA

CAPÍTULO I

SOCHANGANA OU MANUCUSSE

Teixeira Botelho (¹⁷) aventa a hipótese de Sochangana e Mzilikazi serem irmãos. Pertenceram ambos, pelo menos, ao Estado Ndwandwe, chefiado por Zwide, a seu lado lutando contra Dinguiswayo. Porém, ao contrário do que aconteceu com Mzilikazi, Sochangana permaneceu leal a Zwide até à derrota que este sofreu perante Chaka, no rio Mhlatuze, em 1818 ou 1819.

Do mesmo modo que N'qaba e Zwanguendaba partiu para o Norte, acompanhado pelos seus parentes e aderentes. O padre Daniel da Cruz (³⁸) alude a um total de 3000 famílias, o que nos parece manifesto exagero. Ia, pelo menos, acompanhado pelas viúvas de seu pai, por quatro irmãos e por algumas das suas esposas. Teria, nesse tempo, entre 30 e 40 anos. Na sua genealogia conhecem-se quatro antepassados: Mukachua, Mungua Gaza (donde vem o nome que deu ao seu reino), Uguagua — Makue e Segone. Muito embora se afirme que os invasores eram súbditos de Inyabosa, parece que obedecia a Sochangana o exército que em 5 de Julho de 1821 invadiu e saqueou de surpresa as terras do Tembe na margem sul da baía. Segundo relatou o governador Caetano da Costa Matozo, na nota que redigiu em 11 de Julho daquele ano, os invasores só retiraram depois de virem satisfeitas as suas exigências em missangas e manilhas de cobre.

Foi entrevistado no rio Tembe, no dia 8 de Outubro de 1822, por oficiais da esquadra britânica do comandante Owen que patrulhava a costa oriental da África. Usava a tradicional coroa de cera e uma pena no cabelo a distingui-lo dos súbditos. Estava armado de azagaia e grande

escudo de pele de bovino. Devido a um mal-entendido os seus guerreiros atacaram, durante a noite, o acampamento britânico mas foram repelidos pela nutrida fuzilaria dos estrangeiros.

Segundo uma versão, Sochangana permaneceu durante algum tempo no actual distrito de Lourenço Marques, do mesmo modo que N'qaba e Zwanguendaba. Embora tivesse autorizado o último destes chefes vangunes a partir, mandou traiçoeiramente assaltar-lhe a vanguarda. Os cativos e as manadas foram, no entanto, recuperados pela força das armas por Zwanguendaba que depois acelerou a sua marcha em direcção ao país venda, através do vale do Limpopo. N'qaba aproveitou a confusão para pilhar a Sochangana mulheres e gado mas depressa foi batido e posto em fuga perdendo tudo aquilo de que aleivosamente se apoderara. Todavia, na versão de M. M. Motenda (¹⁶⁵), Sochangana e Zwanguendaba chegaram simultaneamente ao país venda, donde partiram em direcções opostas.

Seja como for, em 1826 viu as suas hostes consideravelmente aumentadas por refugiados que deixaram o país angune depois da definitiva derrota dos Ndwandwe, então chefiados por Sicunyane, filho e sucessor de Zwide.

Há notícia de que, pouco depois, se transferiu para Cossine entre o vale do Limpopo e o rio Mezimchopes. Mas segundo Dioclesiano das Neves (¹¹⁸) deixou esta região infestada de tripanossomíases por ter perdido muito gado.

Santos Peixe recolheu nessa mesma região, hoje chamada Magude, uma tradição algo diferente. Sochangana teria descoberto e punido de morte a traição de um dos membros da sua nobreza, um tal Chicunyana, da casa de Zigode. Somapunga, irmão do executado, apresentou-se a pedir auxílio a Chaka. Este mandou, então, um exército comandado por Tchakanyana. Internando-se demasiadamente nas insalubres terras baixas em perseguição de Sochangana que entretanto deixara a região, foi acampar na Lagoa Limanzé, no Guijá, cujas águas tornaram os invasores tão doentes que se viram forçados a bater em retirada.

Quitinha e Toscano (¹³⁷) também aludem às fomes e doenças que obrigaram os guerreiros de Chaka a regressar ao país angune. Sansão Mutemba (¹¹⁶) recolheu igualmente a tradição de se não ter verificado qualquer recontro em grande escala entre as forças de Chaka e Sochangana. As primeiras, vendo os seus intuitos gorados pela retirada estratégica das segundas, teriam decidido retroceder caminho num local ainda hoje denominado *Ka Chaka*, sito na regedoria Chissungue (Chissunguele?) do Caniçado.

Manjobo, que foi *induna* de Sochangana, declarou a Gomes da Costa que aquele conseguiria bater os regimentos que Chaka mandara em sua perseguição e que, após este combate, penetrara no Bilene, estabelecendo a sua povoação em Nonoaquinique.

O certo é que em 1828 o monarca de Gaza teve que enfrentar o exército de Chaka durante a campanha com que o neurótico e sanguinário déspota pretendeu comemorar a morte da mãe.

Parece não oferecer dúvidas que as suas sucessivas deslocações se deveram ao desejo de diminuir as probabilidades de ser atacado pelos regimentos de Chaka e, posteriormente, de Dingane. Segundo Junod ⁽⁷⁶⁾ os seus guerreiros, para evitarem ser reconhecidos pelas forças mandadas em sua perseguição, chegaram ao humilhante extremo de se submeterem às tatuagens dos Tsongas.

É aceitável a hipótese de se haver fixado durante alguns anos na margem esquerda do Limpopo, provavelmente na região que veio mais tarde a escolher para sua capital definitiva, Chaimite. É também nesta região, mas na margem direita, em Chiduachine, que tradição oral assevera ter construído a povoação sagrada onde residiam as viúvas de seu pai.

Segundo uma versão ⁽⁹²⁾ foi atacado por forças de N'qaba, vindas expressamente do norte do Save, forças que o teriam obrigado a retirar para a margem direita do Limpopo. Este possível recontro teria ocorrido no Bilene, segundo F. Toscano ⁽¹⁶³⁾.

Mas logo que estas regressaram ao norte do Save, lançou-se de novo na tarefa de submeter as tribos autóctones, cedo conseguindo a completa vassalagem dos Makuakuas e apenas em parte a dos Chopes.

Talvez em consequência do ataque ordenado por Dingane contra Lourenço Marques, da execução do respectivo governador Dionísio António Ribeiro em 13 de Outubro de 1833 e da ocupação pelos Zulus das terras ao sul do Incomáti ⁽⁹³⁾ ou simplesmente para se vingar da humilhante derrota que lhe infringira N'qaba anos antes, Sochangana mais uma vez decidiu partir. No seu caminho em direcção norte invadiu em 1834 as Terras da Coroa, em Inhambane. Saindo-lhe ao encontro o governador, comandando os residentes, a gente de armas e os auxiliares nativos que dispunha, esses 280 homens, na maioria moradores, foram massacrados num combate travado além do Rio de Oiro ⁽¹⁷⁾. Atravessando o rio Save, Sochangana atacou e derrotou N'qaba, em 1836 ou 1837, no actual território da Rodésia, perto da fronteira com o concelho de Mossurize. Permaneceu na região apenas dois ou três anos tendo decidido egressar ao vale do Limpopo devido a uma epidemia de varíola que dizimou os seus súbditos ⁽⁹⁴⁾. É provável que seja responsável pelo massa-

cre da coluna de *boers* que se dirigia a L. Marques ⁽⁹²⁾ e que procurou compensar com 300 cabeças de gado. Parece ter sido nesta altura que adquiriu o cognome de *Manucusse*.

Em 1840 já se encontrava na sua nova capital em Chaimite quando recebeu C. S. Pinto ⁽¹³³⁾ emissário do governador de Inhambane. Sobre o primeiro monarca de Gaza diz esta testemunha ocular, quando por ele foi recebido no curral de gado e obrigado a sentar-se sobre o estrume:

«Pouco tempo depois entrou Manicussa, tendo por distinção aos outros nos vestuários, o não trazer mais que uma mancha de tinta encarnada no peito e de branca em um dos ombros, dois fios de missanga preta à roda da cintura e um círculo formado com os cabelos na cabeça.»

Em 1842 ⁽⁷⁶⁾, um dos seus *indunas*, denominado Matchecwane, atacou os Nkunas que haviam fugido do vale do Limpopo para procurarem refúgio entre os *boers* no Transval Norte.

Nesse mesmo ano tornou a mandar os seus *indunas* e regimentos ao norte do rio Save. A vassalagem de grande parte do território foi rápida e pacífica devido ao terror com que ainda eram lembradas as devastações dos anteriores grupos vangunes.

Há notícia de que em 1842 os seus regimentos devastaram os prazos de Sofala e sujeitaram a tributo o próprio estabelecimento português. A partir de 1844 os *tindunas* do Império de Gaza passaram a visitar todos os anos, após as chuvas, a região dos prazos ao sul do Zambeze, exigindo tributos aos senhores e aos habitantes livres. Os documentos portugueses fazem alusão à presença, nesta região e nesta época, de Muzila, o sucessor de Manucusse.

Defendido, pelo interior, de qualquer ataque dos *boers* — cujos cavalos não sobreviviam à mosca tsé-tsé — Manucusse limitou-se a consolidar o seu império e a expropriar o armentio autóctone.

A acreditar no relato de Erskine ⁽⁴⁷⁾ incitou os Dondulis, uma tribo tsonga do vale do Rio dos Elefantes, a repelir uma força de guerreiros de Mzilikazi obrigada pelos *boers* a bater em retirada. Como prémio da bravura que então demonstraram, isentou-os do pagamento de qualquer tributo. Foi possivelmente para evitar incidentes como este que os dois *inkosis* realizaram o acordo de fronteiras que já referimos.

Em 1853, a escassa área sob domínio do Governo de Inhambane era apenas habitada por 30 000 (Bi)Tongas ⁽²⁵⁾. O conquistador delegou em seus filhos a governança dos territórios mais longínquos e mantinha

relações amigáveis com Swazis, Ndebeles e Portugueses, recebendo embaixadas de Sena, Sofala e Inhambane e Lourenço Marques, localidades que não via motivos para hostilizar, ponderando, talvez, os benefícios que para os seus súbditos advinham das trocas comerciais. Sabe-se que por duas vezes se vangloriou perante visitantes que pessoalmente não sentia qualquer interesse pelos artigos trazidos do litoral. Limitou-se, na verdade, a reduzir à vassalagem e ao pagamento de um tributo anual os dispersos prazos e estabelecimentos portugueses.

Faleceu em Chaimite no ano de 1858.